

Leandro Okamoto da Silva

## **Marachimbé chegou foi para apurar**

Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia,

no culto do Santo Daime

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

PUC/SP  
São Paulo  
2004

## Resumo

A peia é popularmente conhecida entre os adeptos do culto do Santo Daime como “a surra do daime”. Expressa-se por vômitos, diarréias, tremedeiras, mal estar, ou qualquer outro tipo de evento desagradável pelo qual possa se encontrar o sujeito sob efeitos do potente alucinógeno de origem indígena. A escolha da peia, ou castigo simbólico, se deu por motivos pessoais e pelo fato de não haver quaisquer pesquisas sobre esse tema.

É nossa hipótese que a peia é uma experiência simbólica de caráter polissêmico e não se limita somente à idéia de castigo. A sua interpretação e significação estão intimamente relacionadas com a noção de cura e doença, e tem como implicação principal a ordenação simbólica dos adeptos. Os efeitos purgativos comuns à bebida, no Santo Daime, são resignificados e interpretados a partir de um sistema de valores que prioriza o bem, a luz, a “verdade”, em detrimento do mal, das trevas e da “ilusão”. A peia tem, assim, ação coercitiva e mediadora, agindo no sentido de promover o aprimoramento da conduta dos adeptos segundo o modelo idealizado por mestre Irineu e padrinho Sebastião, líderes principais da linha daimista pesquisada. A peia, enfim, não é um fenômeno *a priori*, é produto cultural das experiências idiossincráticas dos líderes e demais daimistas e, dessa forma, tem também importância histórica, na medida em que grandes *peias coletivas* são lembradas como momentos de dificuldades vivido pelo grupo. A pesquisa foi participante e realizou-se na igreja paulista Céu de Maria, localizada nos arredores da capital paulistana, junto à fiscais masculinos e femininos.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	pg. 04
PARTE I - As andanças do povo de Juramidam	
Capítulo 1. Status Quaestionis - O estado da questão	pg. 12
Capítulo 2. Da floresta para a cidade	pg. 20
2.1. O processo de ocupação e a religiosidade amazônica até o século XX	pg. 21
2.2. A formação do Santo Daime	pg. 31
2.3. De Raimundo Irineu Serra à mestre Irineu	pg. 46
Capítulo 3. Da cidade para a floresta e sua expansão	pg. 60
3.1. O CEFLURIS	pg. 60
3.2. Sebastião Mota de Melo, o padrinho Sebastião	pg. 65
3.3. O espiritismo daimista	pg. 90
PARTE II – A peia veio para apurar	
Capítulo 4. A peia e seu imaginário	pg. 95
4.1. A peia	pg. 95
4.2. A peia no salão	pg. 105
4.2.1. O salão	pg. 105
4.2.2. A visibilidade e coletividade da peia	pg. 106
4.3. As entidades justiceiras	pg. 117
Capítulo 5. As funções da peia	pg. 126
5.1. Análise do caráter ordenatório do ritual	pg. 126
5.2. Alguns tipos de peia recorrentemente relatadas	pg. 135
5.2.1. Peia por não se preparar adequadamente para o trabalho	pg. 135
5.2.2. Peia de pensamento	pg. 141
5.2.3. Peia pela desatenção	pg. 144
5.2.4. Peia por falta de firmeza	pg. 148
5.2.5. Outros tipos de peia	pg. 151
5.3. A peia, o símbolo e a sombra	pg. 161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pg. 177
BIBLIOGRAFIA	pg. 181

## INTRODUÇÃO

“Marachimbé” é uma entidade disciplinadora do panteão daimista que pune os transgressores das normas rituais e valores da doutrina, ao mesmo tempo em que os "apura" e "ordena". O termo “apurar” indica a limpeza física e psíquica do fiel. Por “apurado” podemos entender o grau de desenvolvimento espiritual do médium, ou, em vocabulário nativo, “a graduação do aparelho”. Outras variações do termo indicam outros sentidos, como por exemplo “apuração”, um momento de balanço, de julgamento das ações praticadas, ou ainda “apuro”, quando o indivíduo encontra-se em dificuldades dentro do ritual.

A escolha do "castigo simbólico" como tema de pesquisa se deu por uma dupla razão. Primeiramente pela minha própria experiência com o Santo Daime, desde de março de 2000, quando vim a conhecer a bebida ayahuasca na igreja paulista "Céu de Maria". Do meu primeiro "trabalho", isto é, cerimônia, tenho vívida na memória a experiência marcante da peia que levei. Durante boa parte da sessão, que durou em torno de 4 horas, mal conseguia ficar de pé, vomitava muito e, por diversas vezes, me perguntei o que fazia ali. O arrependimento era grande e a sensação era de que não sairia vivo daquilo. Os fiscais, daimistas responsáveis pela manutenção do trabalho e auxílio às pessoas que, como eu, precisavam de ajuda, me diziam que eu deveria me acalmar e voltar para dentro da igreja. Após muita insistência, e já me sentindo um pouco menos tonto e enjoado com os efeitos das 3 doses do chá que havia ingerido, retornei para o salão da igreja, onde todos estavam reunidos, cantando e dançando num movimento repetitivo, ao som dos maracás, hinos religiosos que falavam de Jesus Cristo, da Virgem Maria, de São João Batista, entre outros. Para a minha surpresa, quando comecei a dançar com os outros, agora com a instrução dada pelos fiscais para que "me firmasse" nos hinos, isto é, que os cantasse com a máxima atenção e respeito, passei a sentir um quase imediato bem estar e

uma sensação de incrível alegria. As razões para o sofrimento no qual me encontrava minutos atrás iam sendo "esclarecidas" pelas letras dos hinos cantados, pela intuição, por "vozes" em meu pensamento, que explicavam que aquele sofrimento era passageiro e só ocorrera para que eu entendesse os problemas pessoais em que eu me encontrava na época. Embora não sonhasse, nessa época, em ter o Santo Daime como objeto de estudo, posso dizer que foi dessa primeira e marcante peia que surgiu a inspiração inicial dessa pesquisa.

A segunda razão para a escolha do tema confirmou a primeira, ela se deu após um levantamento bibliográfico inicial. Percebi uma inexistência de pesquisas que focassem em profundidade a questão da peia. Encontrei, nesse levantamento, referências sobre a peia em FERNANDES<sup>1</sup>, GROISMAN<sup>2</sup> e GOULART<sup>3</sup>. Além desses, outros estudos sobre o Santo Daime, abordaram a peia em suas pesquisas sem, contudo, lhe dar lugar de destaque. Não há, portanto, até o momento, pesquisas conclusivas sobre o tema.

Não penso, entretanto, que a posição de "pesquisador-nativo" represente um empecilho para a realização da pesquisa, pelo contrário, ela o privilegia na medida em que dá acesso à experiências, e relatos de experiências, que dificilmente alguém que não consumisse a bebida ritualmente conseguiria chegar. Não quero com isso dizer que só há espaço para "pesquisadores" que consumam a ayahuasca, pelo contrário, quero afirmar que há espaço para aqueles que a consomem, em iguais condições, uma vez que os métodos de pesquisa estão a disposição de todos. FILORAMO e PRANDI assim posicionam o pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa e aos métodos empregados.

---

<sup>1</sup> Vera Fróes FERNANDES, *A história do povo de Juramidam*, p. 134.

<sup>2</sup> Alberto GROISMAN, *Eu venho da floresta*, p. 98.

<sup>3</sup> Sandra GOULART, *As raízes culturais do Santo Daime*, pp. 42,43.

Aquilo que está em jogo não é o problema da “verdade” do objeto em questão, a religião, nem a “verdade” ou a supremacia de um método em relação a outro, de uma metodologia em relação a outra. O estudioso das Ciências das Religiões deve praticar um ateísmo (ou se se preferir, um agnosticismo) metodológico: ele escolhe, caso a caso, dependendo das suas competências e das circunstâncias externas, o instrumento que se revelar mais apto para alcançar o objetivo interpretativo<sup>4</sup>.

Com relação aos limites interpretativos do que considero apreensível por esses métodos, recorro ao mesmo argumento utilizado por William JAMES sobre os estados místicos.

os estados místicos de uma espécie enfática e bem pronunciada são geralmente autoridade para aqueles que os experimentam. Eles estiveram lá (...) Se a verdade mística que se revela a um homem se mostra uma força pela qual pode viver, que mandato temos nós da maioria para ordenar-lhes que viva de outra maneira? (...) Isto é, nossos sentidos nos deram testemunho de certos estados de fato; mas as experiências místicas são percepções de fato tão diretas para os que as sofrem quanto quaisquer sensações já o foram para nós<sup>5</sup>.

A peia, enquanto experiência simbólica, não pode ser compreendida em sua totalidade, por isso, me ateei ao seus efeitos, isto é, aos relatos de pessoas que a vivenciam nos rituais e às implicações dessas vivências para essas pessoas.

O trabalho de campo iniciou-se em Fevereiro de 2002 e se prolongou por quase todo o período da pesquisa. Ele envolveu, além das entrevistas, a participação ativa no calendário de trabalhos da igreja paulista citada. Participei também de rituais em outras igrejas, mas com uma frequência bem menor. O “Céu de Maria” conta com aproximadamente 250 membros e localiza-se no Morro da Santa Fé, no limite de municípios entre São Paulo e Osasco. Esse

---

<sup>4</sup> Giovanni FILORAMO e Carlo PRANDI, *As ciências das religiões*, p. 22.

<sup>5</sup> William JAMES, *As variedades da experiência religiosa*, p. 264.

centro é filiado ao CEFLURIS (Centro Eclético Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra)<sup>6</sup>, uma das principais dissidências do Santo Daime.

Dada a minha relação prévia com o objeto a ser pesquisado, a escolha por uma pesquisa participante me pareceu a mais lógica e, obviamente, a mais conveniente. Se por um lado tive meu acesso facilitado por já ser “de dentro“, por outro, nunca me senti realmente “dentro“ pois a própria pesquisa assim o exigia. Me vi no limiar entre os que estavam “dentro“ e os “de fora“. A observação participante exigiu que eu me afastasse do objeto, isto é, da peia, para que “a conhecesse“ a partir das ferramentas interpretativas da pesquisa. Esse processo nem sempre foi fácil e nem curto. Nos últimos meses desse trabalho, reduzi, progressivamente, a minha participação nos rituais e, a partir de Julho de 2004, não mais frequentei as sessões, de forma a estabelecer o distanciamento necessário para a análise dos dados coletados.

Durante o processo, ofereci meus serviços para a fiscalização dos trabalhos, o que me levou a definir o perfil dos entrevistados. Todos os informantes ouvidos são fiscais com 4 até 12 anos de "fardamento". Embora, a quantidade de entrevistas seja relativamente pequena em relação ao número de membros filiados, ela é condizente com a quantidade de fiscais em atuação. A escolha dos fiscais como fonte de informações principal se deu pela própria função que lhes é atribuída e que os coloca em posição privilegiada na observação dos fatos ocorridos durante as sessões.

O trabalho de pesquisa se esforçou para responder à seguinte pergunta central: “Quais os condicionantes, as funções e as conseqüências da peia para os daimistas? “.

---

<sup>6</sup> Entenda-se por centros daimistas aqueles que seguem os ensinamentos de Raimundo Irineu Serra, fundador do culto. O grupo em questão, CEFLURIS, foi fundado em 1974, 3 anos após a morte de Raimundo Irineu Serra, por Sebastião Mota Melo, seu discípulo.

É nossa hipótese que a peia é uma experiência simbólica de caráter polissêmico e não se limita somente à idéia de castigo. A sua interpretação e significação está intimamente relacionada com a noção de cura e doença, e tem como implicação principal a ordenação simbólica dos adeptos. Os efeitos purgativos comuns à bebida, no Santo Daime, são resignificados e interpretados a partir de um sistema de valores que prioriza o bem, a luz, a “verdade”, em detrimento do mal, das trevas e da “ilusão”. A peia tem, assim, ação coercitiva e mediadora, agindo no sentido de promover o aprimoramento da conduta dos adeptos segundo o modelo idealizado por mestre Irineu e padrinho Sebastião, líderes principais da linha daimista pesquisada. A peia, enfim, não é um fenômeno *a priori*, é produto cultural das experiências idiossincráticas dos líderes e demais daimistas e, dessa forma, tem também importância histórica, na medida em que grandes *peias coletivas* são lembradas como momentos de dificuldades vivido pelo grupo.

A escolha do quadro teórico se divide em três níveis. O primeiro prioriza estudos sobre a constituição da religiosidade amazônica a partir do processo de colonização da região e destribalização dos índios no período que vai até as primeiras décadas do século XX, como as pesquisas de Eduardo GALVÃO, Raymundo MAUÉS e Karl ARENZ, sobre a religiosidade dos povos ribeirinhos, descendentes dos indígenas aldeados. Esses estudos realçam a ação dos encantandos, seres das florestas e dos rios, e sua relação com as práticas do catolicismo popular.

O segundo nível, traz pesquisas específicas sobre a constituição e desenvolvimento do culto daimista a partir do início do século XX. Os primeiros trabalhos acadêmicos sobre o Santo Daime datam do princípio da década de 80, desde então, o interesse da comunidade científica pela religião daimista e sua expansão geográfica, iniciada na primeira metade dos

anos 80, tem aumentado progressivamente. Devido a importância desses trabalhos para os propósitos dessa pesquisa, designei um capítulo inicial para melhor aprofundar e sistematizar as pesquisas que tratam das religiões ayahuasqueiras e, mais especificamente, o Santo Daime.

Finalmente, para a análise da peia propriamente dita, recorrerei ao pensamento de Victor TURNER sobre os processos rituais (teoria da estrutura-antiestrutura-liminaridade). O antropólogo estuda os rituais de alguns povos africanos de forma a analisar a relação desses rituais com a manutenção da ordem e das tradições nesses povoados. Esses rituais harmonizam as tensões existentes entre o todo social, expresso pela tradição, pelas crenças e pelos costumes (estrutura), e grupos menores ou indivíduos marginalizados (antiestrutura). O autor caracteriza a sociedade, denominada *societas*, como um processo dialético que alterna estados e transições numa dinâmica que parte de uma necessidade humana em participar de ambas as possibilidades (liminaridade)<sup>7</sup>.

Fez-se necessário complementar as idéias de TURNER, pois estas, embora descreva com certa adequação o mecanismo ritual como um todo, mostraram-se insuficientes para descrever outros aspectos mais específicos da peia, como os mecanismos de contágio e relatos sobre curas recebidas. Utilizei, como recurso analítico, alguns conceitos da psicologia do inconsciente de Carl G. JUNG. A extensão e complexidade de sua obra, contudo, não nos permite uma abordagem ampla de sua teoria, que demandaria por si só, uma nova pesquisa. Por isso, me detive em alguns estudos sobre a função simbólica dos sintomas físicos como mediadores da relação consciente-inconsciente<sup>8</sup>, mais especificamente, naquilo que JUNG chamou a "realização da sombra". Para JUNG, os conteúdos psíquicos reprimidos desde a

---

<sup>7</sup> V.W.TURNER, *O processo ritual*, passim.

<sup>8</sup> O "inconsciente" abrange o inconsciente pessoal (sombra) e o coletivo (arquétipos). Para os propósitos dessa pesquisa, tratarei apenas da sombra e não do inconsciente coletivo. Com relação ao consciente, esse refere-se

































































































































































































































































































































































































































